



DeepL

Assine o DeepL Pro para traduzir arquivos maiores.
Mais informações em www.DeepL.com/pro.

A detailed illustration of a character with long, flowing black hair, wearing a dark blue jacket with a large white anarchy symbol on the back. The character has cybernetic, metallic arms with glowing blue eyes. They are standing on a rooftop, looking down at a sprawling cityscape with numerous skyscrapers under a blue sky. The overall style is reminiscent of comic book art.

ANARCO- TRANSHUMANISMO

ΔCRΔCIA

ANARCO-TRANSHUMANISMO

WILLIAM GILLIS

Tradução de *Anarchy and Transhumanism* em
The Routledge Handbook of Anarchy and Anarchist Thought,
cap. 30

Δ C R Δ C I Δ

INDICE

I. Introdução	4
II. Contexto histórico	14
III. Praticidade	18
IV. Contra o primitivismo	27
V. Pessimismo com relação às possibilidades tecnológicas	38
VI. Outras tradições políticas transhumanistas e prometeicas	44
VII. Outras questões	51
<i>Notas</i>	56

I. Introdução

O termo "Anarco-Transhumanismo" é relativamente recente, mal mencionado nos anos 1980, adotado publicamente no início dos anos 2000 e popularizado de fato apenas na última década. Mas ele representa uma corrente de pensamento que está presente nos círculos e na teoria anarquista desde que William Godwin associou o impulso de melhorar e aperfeiçoar perpetuamente nossas relações sociais com o impulso de melhorar e aperfeiçoar perpetuamente a nós mesmos, nossas condições materiais e nossos corpos.

A ideia por trás do anarco-transhumanismo é simples:

Devemos buscar expandir nossa liberdade física da mesma forma que buscamos expandir nossa liberdade social.

Os anarco-transhumanistas veem sua posição como a extensão lógica ou o aprofundamento do compromisso existente do anarquismo com a maximização da liberdade. E o termo "liberdade morfológica" é amplamente usado por transhumanistas de muitas variedades como um rótulo para a liberdade

.

positivo para alterar o próprio corpo ou as condições materiais.

O transhumanismo costuma ser caracterizado superficialmente na mídia em termos do desejo de viver para sempre, do desejo de transferir a mente para um computador ou de uma fantasia em que uma inteligência artificial (IA) autoaperfeiçoada chega de repente e transforma o mundo em um paraíso. E, é claro, algumas pessoas são atraídas por esses objetivos. Mas o único preceito que define o transhumanismo é que devemos ter mais liberdade para mudar a nós mesmos e nosso ambiente.

O transumanismo, portanto, desafia as definições essencialistas de "humano" e, às vezes, é enquadrado em um discurso mais amplo da teoria feminista e queer, preocupado com as identidades ciborgues e os "desumanismos". O transhumanismo pode ser visto como uma crítica agressiva ao humanismo ou, alternativamente, como uma extensão de valores humanistas específicos além da categoria arbitrária de espécie "humana". O transhumanismo exige que questionemos nossos desejos e valores além da categoria arbitrária de espécie "humana".

da aleatoriedade do que é, sem aceitar a autoridade de construções sociais arbitrárias, como o gênero, ou uma fidelidade cega ao funcionamento real de nossos corpos.

Como era de se esperar, as questões transgênero estão no centro do transumanismo desde o início. Mas o transhumanismo expande radicalmente a liberação trans para situá-la como parte de uma gama muito mais ampla de lutas pela liberdade na construção e no funcionamento de nossos corpos e do mundo ao nosso redor. Vários anarco-transhumanistas trabalham em projetos práticos imediatos que pessoas mais controle sobre seus corpos: a operação de clínicas de aborto, a distribuição de naloxona ou a impressão em 3D de próteses de código aberto para crianças. Mas os transumanistas também fazem perguntas radicais, como: Por que nossa sociedade não apenas concorda com o declínio involuntário e a morte dos idosos, mas também moraliza a favor de seu extermínio perpétuo?

A luta pela extensão da vida certamente não é a totalidade do transhumanismo, mas é um

A questão da vida boa é um exemplo importante do tipo de campanha que os transhumanistas iniciaram e continuam a lutar, surpreendentemente, em grande parte sozinhos. A noção de que uma "vida boa" objetiva se estende até setenta ou cem anos, mas não além, é claramente arbitrária e, no entanto, a opinião de que é assim é quase universalmente mantida e violentamente defendida. Muitos dos primeiros transumanistas ficaram chocados com essa resposta, mas ela ilustra como as pessoas podem facilmente se tornar defensoras ferrenhas das catástrofes existentes por medo de ter de repensar as suposições existentes em suas próprias vidas. Da mesma forma que as pessoas defendem o recrutamento ou a matança de animais para alimentação, os argumentos a favor da morte são claramente racionalizações defensivas, e é fácil formular respostas racionais:

- "Mas como a morte pode fazer mais sentido aos setenta anos do que aos quinhentos ou duzentos anos? Se uma mulher de oitenta anos consegue viver e trabalhar em sua poesia por mais cinco décadas, isso realmente prejudica tanto sua capacidade de encontrar significado que você preferiria vê-la assassinada?"

- "Nós ficaríamos entediados". Isso parece nada mais do que um apelo para construir um mundo que não seja entediante. Não importa as possibilidades selvagens do anarquismo e do transhumanismo; seriam necessários quase trezentos mil anos para ler todos os livros que existem hoje. Já existem cem milhões de músicas gravadas no mundo. Há milhares de idiomas com seus próprios ecossistemas conceituais e própria poesia. Há centenas de campos de pesquisa ricos e fascinantes nos quais se pode mergulhar. Há uma ampla gama de experiências e novos tipos de relacionamentos a serem explorados. Certamente podemos usar pelo menos mais alguns séculos.
- "Perspectivas antigas e estáticas entupiriam o mundo". É bastante absurdo e horrível apelar instintivamente para o genocídio como a melhor maneira de resolver o problema da rigidez das perspectivas ou identidades das pessoas. Mais de cem bilhões de seres humanos já morreram desde a chegada do Homo sapiens ao mundo. Na melhor das hipóteses, eles só conseguiram passar adiante a menor parte de suas experiências subjetivas, suas percepções e sonhos, antes que todo o resto dentro deles fosse abruptamente extinto. Diz-se que toda vez que uma pessoa idosa morre, é como se ela fosse

queimar uma biblioteca. Já perdemos 100 bilhões de bibliotecas! Sem dúvida, há infinitas maneiras de viver e mudar, mas seria estranho se o binário da perda repentina, maciça e irreversível que é comum hoje em dia fosse universalmente ideal.

A extensão da vida é um exemplo ilustrativo que chega ao cerne do que o transumanismo oferece como uma continuação do radicalismo do anarquismo: a capacidade de exigir que normas ou convenções não examinadas sejam justificadas, de desafiar coisas que, de outra forma, seriam aceitas.

O anarco-transhumanismo rompe muitas outras suposições operacionais comuns sobre o mundo, assim como busca expandir e explorar o escopo do que é possível. O radicalismo consiste em pressionar suposições e modelos em contextos estranhos e ver o que se rompe para esclarecer melhor quais dinâmicas têm raízes mais fundamentais. O anarco-transhumanismo busca promover o anarquismo por meio desse tipo de esclarecimento, para colocá-lo em melhor forma de luta para que possa enfrentar o futuro com mais eficácia, para torná-lo capaz de lutar em todas as situações, não apenas naquelas específicas de determinados contextos.

É fácil dizer "toda essa conversa possibilidades distantes de ficção científica é uma distração irrelevante". Os anarco-transhumanistas certamente não defendem o abandono das lutas anarquistas cotidianas e da construção de infraestrutura. Mas é a visão de futuro que muitas vezes fez do anarquismo seus maiores avanços. De fato, pode-se argumentar que grande parte do poder do anarquismo tem derivado historicamente de suas previsões corretas. E esse é um padrão generalizado. Embora a Internet seja, obviamente, palco de grandes conflitos hoje, muitas das liberdades que ela ainda proporciona foram conquistadas décadas atrás radicais que estavam mapeando ramificações e a importância dos fenômenos e instituições sociais muito antes de o Estado e o capitalismo se atualizarem ou entenderem as ramificações de certas batalhas.

Por outro lado, se há algo a aprender com os últimos dois séculos de luta, é que os radicais geralmente levam muito tempo para responder aos novos acontecimentos. Os anarquistas têm sido muito lentos para se adaptar às mudanças nas condições. Muitas vezes, os anarquistas levaram uma década ou

mais em experimentar várias abordagens, decidir quais são as boas e continuar a popularizá-las. Atualmente, os esquerdistas radicais têm uma tendência crescente de rejeitar o futurismo e, em vez disso, simplesmente dão de ombros e dizem: "Resolveremos esse problema por meio da práxis". Mas essa rejeição geralmente se resume a: "Resolveremos o problema por meio de tentativa e erro quando a merda bater no ventilador e realmente não tivermos tempo para anos de erros e tropeços."

Os teóricos e ativistas estão percebendo que a simplicidade das respostas dos radicais e seus tempos de adaptação lentos os tornaram previsíveis para os detentores do poder, suas respostas instintivas já foram incorporadas aos planos dos governantes e chefes, o que faz com que suas lutas sirvam efetivamente como válvulas de pressão para a sociedade, ajudando inadvertidamente a manter as instituições e práticas existentes em vez de miná-las ou transformá-las.

Pode parecer estranho e desarticulado tentar determinar exatamente o que os anarquistas querem dizer com "liberdade" em um contexto tecnológico em que o

O "eu" e os "indivíduos" não estão claramente definidos e os apelos convencionais à autonomia não são suficientes. Pode-se tentar descartar a relevância de vários fenômenos contemporâneos para o projeto de repensar a natureza da humanidade e da conexão humana, como gêmeos conectados ao cérebro que usam pronomes não convencionais. Pode parecer fácil descartar as mentes multicâmeras como "irrelevantes" ou "marginais", ou que a possibilidade de tecnologias empáticas cérebro a cérebro é muito remota para valer a pena sequer ser considerada (sem falar nos casais que já usaram protótipos limitados). Mas descartar qualquer coisa além de sua experiência particular serve para confinar o anarquismo a um contexto paroquial, deixando-o como uma tendência histórica superficial e logo ultrapassada, incapaz de falar de forma mais ampla ou de reivindicar qualquer profundidade ou enraizamento em nossas posições éticas.

Entretanto, é importante deixar claro: a consideração proativa do possível não é o mesmo que uma prefiguração mesquinha. Os anarco-humanistas não cometem o erro de exigir um único futuro específico, de mapear um projeto e exigir que

o mundo irá proporcionar. Em vez disso, eles defendem a viabilização de uma multiplicidade de futuros.

II. Contexto histórico

William Godwin é frequentemente identificado como o primeiro anarquista proeminente dos tempos modernos, embora Pierre-Joseph Proudhon tenha sido mais tarde a primeira pessoa a usar o termo "anarquista". Godwin foi um importante filósofo utilitarista e romancista, mas foi ofuscado por sua companheira Mary Wollstonecraft (frequentemente identificada como a primeira feminista moderna) e sua filha Mary Shelley (frequentemente identificada como a primeira romancista de ficção científica). Godwin defendeu a abolição do Estado, do capitalismo e de muitas outras formas de opressão, mas também vinculou sua agenda emancipatória a apelos prescientes para a expansão radical da capacidade tecnológica, considerando possibilidades que incluíam o prolongamento da vida e a derrota da morte.

Godwin foi apenas um dos muitos anarquistas históricos que falaram em termos marcadamente transhumanistas. Voltairine de Cleyre, por exemplo, elogiou o desenvolvimento de maiores liberdades tecnológicas e viu o objetivo final como "uma vida ideal, na qual homens e mulheres serão tão

¹ E falar sobre a transformação gradual tanto da humanidade quanto do nosso meio ambiente tem sido historicamente comum nas fileiras anarquistas. Um dos mais proeminentes divulgadores do anarquismo, Errico Malatesta, definiu-o como uma marcha interminável em direção a uma maior liberdade: o que importa, declarou ele, "não é se alcançamos o anarquismo hoje, amanhã ou daqui a dez séculos, mas que caminhemos em direção ao anarquismo hoje, amanhã e sempre".

Os anarquistas, desde Joseph Déjacque, mergulharam na ficção científica selvagem, descrevendo mundos futuros com máquinas que automatizavam lavanderia, louça etc., e muitos foram ainda mais longe. Em particular, os anarquistas e socialistas russos, pouco antes da revolução bolchevique, adotaram uma ampla variedade de movimentos de vanguarda com aspirações tecnocientíficas extremas. O mais marcante foi o movimento cosmista. Os pensadores cosmistas defendiam o prolongamento radical da vida, a fusão do homem com a máquina e a expansão da consciência para além da Terra. Embora muitos cosmistas fossem mais socialistas do que anarquistas e acabassem sendo consumidos pela URSS, influenciando o movimento cosmista, a URSS e a URSS foram os principais atores.

Tanto na corrida espacial quanto na cultura soviética, seus slogans, como "invadir os céus e conquistar a morte", foram amplamente adotados pelos anarco-transumanistas de hoje.

Embora o termo "cibernética" seja menos usado pelos cientistas atualmente, um movimento "cibernética" atraiu considerável atenção e energia intelectual entre as décadas de 1950 e 1970. Esse movimento era frequentemente visto como dividido entre o campo do complexo militar-industrial e o campo socialista radical ou antiautoritário. Mas a divisão política era, na prática, mais tênue. Por exemplo, o anarquista Walter Pitts, um vagabundo fugitivo que arrecadou dinheiro para lutar contra o franquismo, tornou-se um dos fundadores da ciência cognitiva. Muitos dos temas da cibernética, como feedback e sistemas complexos de auto-organização, estavam obviamente alinhados com o pensamento anarquista e foram citados e referenciados por anarquistas no meio ativista mais convencional.

Os membros dos movimentos de código aberto e o software livre derivaram frequentemente

E se o tipo de liberdade exemplificado pelo software livre se aplicasse a tudo? E se nossos corpos e condições ambientais fossem tão livres e reconfiguráveis quanto que nossos computadores fossem? Atualmente, muitos anarco-humanistas veem seu transumanismo simplesmente como uma extensão valores de abertura e agência do usuário que impulsionam o movimento do software livre (e do hardware livre).

É claro que há vários temas transhumanistas gerais na sociedade que influenciaram diferentes linhagens de anarco-transhumanistas. Eles variam de noções comuns de "prometeísmo" a interpretações de Nietzsche, ao afrofuturismo e a inúmeras subcorrentes do pensamento feminista e queer.

III. Praticidade

A maioria dos anarquistas em todo o mundo são ativistas que trabalham em lutas imediatas, desde alimentar os sem-teto até resistir aos regimes de restrição à imigração. Não é de surpreender, portanto, que suas abordagens sejam principalmente práticas. A objeção mais comum que muitos ativistas anarquistas fazem ao anarco-transhumanismo é que o foco no futuro nos afasta da prática transformadora no presente. Isso geralmente está associado às críticas comuns da esquerda moderna ao "abstrato" e aos apelos para que a prática e a teoria política se concentrem na "vida cotidiana".

Entretanto, vale a pena considerar a conclusão final de tal orientação. Se vivêssemos diretamente no presente sem reflexão, não teríamos consciência de nós mesmos. Recursividade mental

-A modelagem de nós mesmos, dos outros e do nosso mundo é fundamental para a própria consciência. O que define uma mente como uma mente é sua capacidade proativa de pensar alguns passos à frente, para evitar rolar imediatamente pela encosta mais íngreme como uma pedra, mas para compreender nosso contexto, o

Também podemos ter um panorama de nossas opções e caminhos possíveis e, às vezes, escolher aqueles que não nos satisfazem imediatamente.

Há sempre o perigo de sermos desenraizados, mas o futurismo não nos obriga de forma alguma a nos desconectarmos das lutas do presente. No entanto, ele tem implicações sobre o que priorizamos no presente; por exemplo, recusar-se a aceitar uma reforma que possa melhorar nossa sorte no curto prazo, mas que prejudique gravemente nossa capacidade de lutar no futuro. Os liberais são famosos por seu desprezo pelo futuro, uma atitude que usam para justificar ações míopes, como a devastação ecológica e a concessão ao Estado de um poder cada vez maior sobre nossas vidas. Às vezes, é necessário melhorar nossa situação a curto prazo para continuar lutando, mas devemos sempre estar cientes do que está em jogo.

Uma utopia socialista democrática poderia melhorar imediatamente a vida da maioria das pessoas. E talvez pudéssemos tornar essa utopia uma realidade se todos nós realmente nos esforçássemos por ela. Mas há um limite para as melhorias que uma solução baseada no Estado poderia alcançar. E, uma vez que essa suposta utopia esteja em vigor, suas tendências autoritárias

O resultado seria que seria ainda mais difícil para as gerações futuras derrubá-la.

Além de iluminar os desafios do caminho a seguir, o Anarco-Transhumanismo oferece percepções diretas sobre nossas lutas diárias e nossa resistência contínua contra o Estado.

Se o fascismo é tão poderoso, por que ele ainda não triunfou? Nosso mundo poderia ser muito pior do que é. Apesar de todas as fontes de poder das elites contemporâneas - toda a enorme riqueza e força coercitiva que elas acumularam, todo o controle ideológico e de infraestrutura, todo o planejamento e vigilância sistêmicos, todas as maneiras pelas quais os seres humanos recorrem falácias cognitivas, crueldade e tribalismo - é evidente que elas foram extremamente prejudicadas em todas as frentes. E as sociedades ou movimentos que tentaram adotar os pontos fortes do autoritarismo de forma mais direta fracassaram. Os antiautoritários - apesar de suas inúmeras falhas e imperfeições - venceram repetidas vezes. A legião daqueles que são leais ao poder absoluto, à rendição irracional e à simplicidade violenta é imensa. E, no entanto, os ativistas de

As bases de apoio prejudicaram suas ambições, anteciparam suas visões de mundo, atrapalharam suas campanhas, sabotaram seus projetos, contra-atacaram de forma criativa, anteciparam-nas... e mudaram a paisagem sob seus pés.

Pessoas livres são melhores inventores, melhores estrategistas, melhores hackers e melhores cientistas, e exibem as mesmas tendências que o transumanismo defende: tendências de abstração, reflexão e agitação. A ideologia do poder fracassa por causa de sua necessária fraqueza no controle da complexidade. As filosofias de controle buscam inatamente restringir o possível; a liberdade trata de liberá-lo.

Ter mais ferramentas significa ter mais maneiras de abordar um problema. As "opções" oferecidas por algumas ferramentas podem ser superficiais e ter impacto limitado. A escolha de determinadas ferramentas pode reduzir a gama de opções disponíveis de outras maneiras. Mas, no final das contas, não é possível maximizar a liberdade sem expandir continuamente o conjunto de ferramentas.

A ampliação de os graus de liberdade em
o

As técnicas de ataque e defesa geralmente dão mais poder aos atacantes do que aos defensores. Quando há mais maneiras de atacar e defender, os atacantes precisam escolher apenas uma, enquanto os defensores precisam defender todas elas, o que cada vez mais dificulta a defesa de instituições e infraestruturas rígidas e generalizadas.

Assim, do ponto de vista mais amplo, o desenvolvimento tecnológico acaba se inclinando para capacitar as minorias a resistir à dominação e torna os hábitos culturais de consenso e autonomia cada vez mais necessários, porque, em certo sentido, todos têm direito de veto.

Da mesma forma, as tecnologias da informação desencadeiam ciclos de feedback positivo e aumentam a complexidade sociocultural. Enquanto as primeiras tecnologias de informação rudimentares, como o rádio e a televisão, foram assumidas e controladas pelo Estado e pelo capital para formar uma infraestrutura monopolista que promoveu a cultura monolítica, a grande variedade de tecnologias que temos misturou sob o nome de "Internet"

A nova tendência permitiu que as pessoas resistissem a essa tendência e promoveu uma complexidade crescente de discursos e subculturas fluidos.

Essa é uma incrível fonte de resistência porque torna o controle de massa cada vez mais difícil. O que está na moda se move tão rapidamente e é tão diversificado e contingente que os políticos e as corporações tropeçam cada vez mais quando tentam explorá-lo.

Os anarco-humanistas argumentam que essa retroalimentação da complexidade sociocultural constitui uma Singularidade Social, um reflexo da Singularidade Tecnológica, um processo pelo qual as ideias e as invenções tecnológicas que se retroalimentam de forma colaborativa crescem rápido demais para serem previstas ou controladas.

O Vale do Silício está tentando desesperadamente evitar a realidade de que a lucratividade líquida de todo o setor de publicidade está em declínio. Desde o advento da Internet, as pessoas começaram a prestar atenção e, em geral, os anunciantes estão tendo cada vez menos impacto. A única coisa que continua sendo marginalmente eficaz com as gerações mais jovens mais são as campanhas de

mais individualizado, como empresas que tentam entrar no jogo dos memes ou pagam adolescentes populares do Instagram para fazer referência a seus produtos. Mas essas abordagens estão claramente produzindo retornos decrescentes. Quando uma subcultura de moda adolescente hipercomplexa consiste em trinta pessoas, não vale mais a pena para as empresas tentarem alcançá-las.

Os anarquistas céticos em relação à previsão e à estratégia, que, em vez disso, se concentram na "vida cotidiana" e no imediato, muitas vezes enquadram sua hostilidade às abstrações como parte de uma rejeição mais ampla da "mediação". Entretanto, vale a pena enfatizar que todas as interações causais são "mediadas". O ar medeia os sons de nossas vozes. O campo eletromagnético e qualquer material interveniente medeiam nossa capacidade de enxergar. A cultura e a linguagem medeiam os conceitos que tentamos expressar. Isso pode parecer trivial, mas é muito profundo. É difícil dar uma medida objetiva do que conta como "mais" ou "menos" mediação, e ainda mais difícil tentar afirmar que tal medida significa alguma coisa.

Não existe a "experiência direta". Para veja

Seja o que for, é necessária uma imensa quantidade de processamento, pois os sinais brutos são transformados pelas colunas neurais de nossos córtices visuais em sinais cada vez mais abstratos. Os artefatos desse processamento são as ilusões de ótica e as alucinações com padrões. Por sua vez, nossas experiências determinam quais circuitos de reconhecimento de padrões são formados e com que intensidade. Experimentar "diretamente", sem mediação, seria não experimentar nem pensar de forma alguma.

Pode-se tentar distinguir entre a mediação "criada pelo homem" e outras variedades, mas essa distinção não tem correlação fundamental com o grau de visceralidade ou precisão com que vivenciamos as coisas. Embora o perigo de alguém acessar ou censurar a rede Wi-Fi da sua comunidade seja diferente, esse tipo de interferência ou sabotagem se aplica de várias maneiras a todos os nossos meios de comunicação, incluindo construções culturais e linguísticas.

Não faz sentido falar sobre "mais" mediação de diferentes sabores com diferentes benefícios e desvantagens contextuais . Mesmo a

Um anarco-primitivista como John Zerzan usa óculos para aprimorar sua capacidade geral de experimentar visualmente e se relacionar com o mundo ao seu redor. Nesse sentido, ele é um transhumanista. De muitas maneiras, as tecnologias modernas podem ser usadas para expandir a profundidade e a riqueza de nosso envolvimento com a natureza e uns com os outros.

IV. Contra o primitivismo

Em sua maior parte, o anarco-transhumanismo surgiu como uma resposta explícita ao anarco-primitivismo; muitos anarco-transhumanistas do início da década de 1980 eram antigos primitivistas. Como resultado, ao contrário do movimento transhumanista mais amplo, que tende a se envolver minimamente ou não se envolver de forma alguma com as críticas primitivistas, o anarco-transhumanismo foi, em muitos aspectos, fundado como uma resposta às preocupações primitivistas.

O anarco-transhumanismo enfatiza que o transhumanismo não é uma afirmação de que todas as ferramentas e suas aplicações são - em todos os contextos - totalmente maravilhosas e sem aspectos problemáticos que precisem ser considerados, analisados, rejeitados, questionados ou alterados. O transumanismo também não é uma aceitação de todas as infraestruturas ou normas de uso de ferramentas que existem atualmente. Os transumanistas dificilmente imaginam que todas as tecnologias são positivas em todas as situações específicas, que as ferramentas nunca têm vieses ou inclinações, ou que deveriam ser impostas a todo o mundo algum conjunto .

arbitrária e específica para tecnologias "superiores". Os transhumanistas simplesmente argumentam que as pessoas devem ter mais poder de ação e mais opções para se relacionar com o mundo.

É essencial estar mais informado e ter uma gama maior de ferramentas para escolher. Em um sentido mais amplo, "tecnologia" é qualquer meio de fazer as coisas, e liberdade é a disponibilidade de mais opções ou meios.

Embora reconheçam que inevitavelmente haverá muitas complicações contextuais na prática, no final das contas os transumanistas querem mais opções na vida e no universo, assim como os anarquistas defendem a disponibilidade do maior número possível de táticas diferentes. Às vezes, uma tática ou ferramenta é melhor para um trabalho, às vezes não. Mas a expansão da liberdade exige, em última análise, a expansão das opções tecnológicas.

O que é deplorável em nossa situação atual é a maneira pela qual as tecnologias são suprimidas até que tudo o que nos é permitido é uma única monocultura tecnológica, muitas vezes com preconceitos muito acentuados. Por um lado, as tecnologias mais importantes são suprimidas ou apagadas.

simples ou primitivo. Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico é cruelmente retardado ou restringido por leis de propriedade intelectual e inúmeras outras injustiças. Da mesma forma, as condições do capitalismo e do imperialismo distorcem quais tecnologias são mais lucrativas e, portanto, quais linhas de pesquisa são seguidas.

Isso não significa que as invenções tecnológicas sob o capitalismo sejam inatamente corruptas ou inúteis. E certamente não significa que devemos começar completamente do zero, ignorando todas descobertas e conhecimentos acumulados ao longo do caminho.

Mas muitos dos setores e formas de mercadorias padronizadas em nossa sociedade atual seriam insustentáveis e indesejáveis em um mundo liberado.

Por exemplo: há muitas maneiras de fabricar painéis solares fotovoltaicos, mas quando a República Popular da China supostamente usa trabalho escravo e domínio eminente para confiscar, despojar e envenenar vastas faixas de terra, essas ações poderiam reduzir o custo de certos minerais de terras raras e..,

Portanto, direcionam mais dinheiro para a pesquisa focada em abordagens fotovoltaicas que usam esses minerais artificialmente baratos em vez de direcioná-lo para ramos de pesquisa de alternativas viáveis que usam materiais mais comuns. As forças militares no Congo supostamente permitem que os mineiros canadenses de coltan sejam substituídos por escravos que trabalham em condições horríveis. Ou veja outro exemplo: há dois séculos, Augustin Mouchot demonstrou um motor a vapor solar totalmente funcional e (na época) lucrativo na feira mundial. Ele teria sido produzido em massa se os britânicos não tivessem vencido batalhas na Índia que lhes permitiram escravizar grandes populações e colocá-las para trabalhar na mineração de carvão, o que reduziu drasticamente os preços do carvão.

É um fato simples que a violência institucional muitas vezes altera a rentabilidade imediata de certas linhas de pesquisa.

O primitivismo simplifica demais a situação, alegando que o que existe deve ser necessariamente a única maneira de tornar certas tecnologias possíveis. Além disso, frequentemente implica um único arco linear de

desenvolvimento, de modo que tudo dependa de tudo o mais, ignorando a enorme latitude e diversidade de opções ao longo do caminho e sem investigar o vasto potencial de reconfiguração.

Qualquer discussão sobre "civilização", por exemplo, necessariamente envolverá narrativas gerais e excessivamente simplistas. Nossa história real é muito mais rica e complicada do que qualquer relato de forças históricas simples pode explicar. Os sistemas de poder estão conosco há muito tempo e estão profundamente enredados em quase todos os aspectos de nossa sociedade, nossa cultura, nossas relações interpessoais e nossas infraestruturas materiais. Mas se, ao usarmos o termo "civilização", quisermos falar de algum tipo de característica ou "cultura das cidades" fundamental, estaremos implorando para que a dominação seja inscrita desde o início.

Sempre houve uma dinâmica de poder restritiva em todas as sociedades humanas, caçadores-coletores. Embora as sociedades de maior escala tenham naturalmente permitido expressões mais evidentes de dominação, a dominação não é inerente às estruturas dessas sociedades.

sociedades.

Ao longo da história, as cidades têm sido muito diversas em seu grau de hierarquia interna e em suas relações com as sociedades e ambientes circundantes. Algumas culturas urbanas não deixaram rastros de hierarquia ou violência. As sociedades urbanas mais igualitárias e anárquicas não desperdiçavam energia construindo monumentos gigantescos ou travando guerras, por isso são menos proeminentes no registro histórico. Além disso, como hoje vivemos sob um regime global opressivo, não é preciso dizer que em algum momento as sociedades mais libertárias tiveram que ser conquistadas, e os vencedores geralmente destroem intencionalmente os registros daqueles que subjagam. Da mesma forma, os historiadores não anarquistas têm sido rápidos em presumir que a presença de qualquer tipo de coordenação social ou invenção tecnológica em culturas urbanas igualitárias e pacíficas como Harappa demonstra a presença de alguma autoridade estatal, mesmo quando não há sinal tal autoridade e há, de fato, fortes indícios do contrário.

As concentrações urbanas surgiram em muitos lugares antes da agricultura. De fato, em muitos lugares do planeta onde a terra não podia sustentar cidades permanentes, as pessoas se esforçavam para se reunir em maior número sempre e pelo maior tempo possível. Muitas vezes, os membros de sociedades primitivas eram o tempo caçadores-coletores temporários e moradores temporários de cidades, indo e vindo com as estações.

Isso não se encaixa remotamente na ideia de que as cidades são apenas concentrações descontroladas de riqueza e poder, e que a vida urbana é um erro cancerígeno. Se a criação de cidades fosse uma ideia tão ruim, por que as pessoas com outras opções continuam a escolhê-las de bom grado?

A resposta, é claro, é que o fato de viver em grande número aumenta as opções sociais disponíveis para os indivíduos, abrindo uma diversidade muito maior de possíveis relacionamentos entre os quais escolher.

Em vez de ficarem confinados em tribos de cem ou duzentas pessoas, embora talvez tenham a oportunidade de interagir com membros de uma tribo de cem ou duzentas pessoas, eles podem ter a oportunidade de interagir com membros de uma tribo de cem ou duzentas pessoas.

Com um número limitado de tribos próximas, as pessoas que vivem nas cidades podem formar afinidades não limitadas pelo acaso do nascimento, formando organicamente suas próprias redes distintas por opção. Melhor do que as tribos, elas podem se livrar completamente da insularidade limitadora grupos sociais fechados. Não há motivo para que seus amigos tenham que ser amigos uns dos outros. As cidades permitem que os indivíduos formem uma vasta panóplia de relacionamentos que os ligam a redes muito mais amplas e ricas.

Esse cosmopolitismo permite e promove a empatia necessária para transcender o isolamento tribal ou nacional. Ele amplia nossos horizontes, possibilita a ajuda mútua em escalas incríveis e ajuda a florescer ecossistemas culturais e cognitivos muito mais ricos do que seria possível de outra forma. Se há alguma característica que define a "cultura das cidades" (também conhecida como "civilização"), é a anarquia selvagem, a complexidade e a possibilidade liberada.

E, é claro, a cooperação em larga escala permite desenvolvimentos tecnológicos que ampliam o escopo possível de nossas condições materiais.

O que queremos é um mundo com a conexão

repletas de cosmopolitismo, mas sem a centralização e as características sedentárias de muitas "civilizações". Queremos concretizar a promessa e o potencial radical das cidades que levaram os seres humanos a formá-las voluntariamente várias vezes ao longo da história. Isso pode não corresponder à nossa biologia como criaturas da Idade da Pedra, cuja evolução física não conseguiu acompanhar o ritmo de nossa evolução cultural, mas e daí?

É claro que muitos primitivistas podem gostar e reconhecer os benefícios oferecidos pelos frutos da civilização. Eles podem até sentir afinidade com as aspirações do anarco-transhumanismo, mas, ainda assim, acreditam que as aspirações transhumanistas não têm sentido porque o colapso civilizacional permanente é inevitável.

É verdade que nossa infraestrutura e economia atuais são incrivelmente frágeis, destrutivas e insustentáveis, de muitas maneiras servindo e entrelaçadas com sistemas sociais opressivos. Mas muitas outras formas ainda são possíveis. Nossa civilização global não é um todo mágico, mas uma vasta

e complexo campo de batalha de forças e tendências concorrentes.

A "inevitabilidade" do suposto colapso iminente é, de fato, bastante frágil. Qualquer evento pode inviabilizá-lo. Uma abundância de energia limpa e barata, por exemplo, ou uma abundância de metais raros e baratos. Um levaria ao outro, porque energia barata significa reciclagem de metal mais econômica, e a disponibilidade de metais baratos significa baterias mais baratas e maior acesso a fontes de energia como a eólica. A Terra não é um sistema fechado e, por exemplo, várias grandes empresas estão agora correndo para capturar asteroides próximos tão ricos em metais raros que a mineração bem-sucedida de asteroides poderia derrubar os mercados de metais e fechar quase todas as minas da Terra.

E devemos ter em mente que é altamente improvável que um colapso civilizacional nos leve de volta a um Éden idílico. Muitos centros de poder provavelmente sobreviveriam, quase nenhuma sociedade ficaria abaixo da tecnologia da Idade do Ferro, bilhões de pessoas morreriam horripelantemente e a explosão repentina de

A destruição ecológica seria incrível. Acontece até mesmo que a expansão das florestas nas latitudes setentrionais acabaria piorando perversamente o aquecimento global, pois as árvores são, em última análise, pobres sumidouros de carbono e as mudanças no albedo da Terra (devido ao escurecimento das florestas) fazem com que ela absorva mais energia do sol.

Sejam quais forem as probabilidades, devemos lutar contra o insondável holocausto do colapso. Temos a obrigação ética de lutar, de ter algum controle sobre nosso futuro e nosso meio ambiente e de assumir alguma responsabilidade por nosso destino. Somente com a ciência e a tecnologia seremos capazes de reparar catástrofes antigas, como a desertificação do Saara, gerenciar o desmantelamento de horrores e proteger novamente a maior parte da Terra.

V. Pessimismo com relação às possibilidades tecnológicas

Uma das preocupações mais comuns com relação ao transhumanismo decorre de um mal-entendido sobre a distinção entre "fisicamente viável, mas ainda não projetado" e "quem sabe".

Grande parte disso se deve à falta de conhecimento campos relevantes. A maioria das pessoas não precisaria discutir se seria possível ou não construir uma "casa na árvore de cabeça para baixo"; isso exigiria apenas um pouco de trabalho.

Embora algumas ideias sejam altamente especulativas, muitas das coisas sobre as quais os transumanistas falam estão bem no lado viável do espectro: não há nenhuma chance de que a física, a matemática, a química ou algo semelhante as exclua; elas não exigem a existência ou o uso de buracos de minhoca, por exemplo. Os problemas que nos impedem de alcançar essas metas transumanistas são simplesmente problemas de engenharia, embora desafiadores, problemas nos quais muitos especialistas estão trabalhando, problemas que o consenso estabelecido está confiante de que podemos resolver.

A mineração de asteroides, por exemplo, não é mais inimaginável ou impossível hoje do que era na década de 1940 colocar satélites na órbita da Terra. Sabemos que podemos fazer isso, sabemos que será lucrativo; só precisamos primeiro completar as pilhas de papéis sangrentos que estão em nosso caminho. O CRISPR (clustered regularly interspaced short palindromic repeats) foi um avanço surpreendente na terapia genética, mas foi apenas em virtude da rapidez do avanço; a edição de genes nunca pareceu estritamente inviável.

As estimativas de quanto tempo levará para que um determinado desenvolvimento tecnológico ocorra são, obviamente, subjetivas. Mas é necessário um negacionismo científico conspiratório para afirmar que a criação e o uso de robôs de mineração para extrair minerais serão, de alguma forma, incrivelmente difíceis, ou que eles exigirão tanto trabalho humano que sua chegada ao local não representará nenhum tipo de ganho de eficiência.

Nos círculos da esquerda radical, é muito comum ouvir que as tecnologias verdes são míticas. Isso é profundamente impreciso, mas compreensível, pois

toda a lavagem verde corporativa e a deturpação de tecnologias pela mídia. Portanto, é fácil fazer uma pequena pesquisa crítica e presumir que os cientistas negligenciaram sistematicamente aspectos como análises de ciclo de vida. Mas, na realidade, reduzir a pegada ecológica em cem ou mil vezes faria uma diferença monumental, não uma reforma trivial e, em alguns casos, essas reduções são muito prováveis.

Os seres humanos sempre influenciaram seu ambiente, e os ecossistemas da Terra nunca foram estáticos. Nossa meta não deve ser um estilo de vida imutável e rigidamente limitado, com uma pegada literalmente zero; em vez disso, devemos tentar viabilizar nossa engenhosidade e exploração de forma a não devastar a Terra.

Se investirmos uma pequena fração da energia liberada pelos hidrocarbonetos em tecnologias de energia solar, teremos energia suficiente para tornar a energia dos hidrocarbonetos obsoleta. Embora os hidrocarbonetos tenham sido, sem dúvida, uma fonte de energia densa que mudou o mundo, é possível obter rendimentos de energia incrivelmente altos das tecnologias solares usando

incluindo a tecnologia de espelhos e tubulações de vapor dos anos 1800. Há muitas opções de baterias condensadas, e outras estão sendo desenvolvidas, por exemplo, no armazenamento bioquímico de alta densidade. Enquanto isso, a tecnologia de células fotovoltaicas superou todas as supostas barreiras, e os materiais necessários para fazer uso efetivo dessa tecnologia se diversificaram drasticamente. As opções atualmente disponíveis incluem abordagens bastante simples com pegadas ecológicas mínimas. A eficiência energética da energia solar está se aproximando de 12 vezes e aumentando. A eficiência da tecnologia solar chegou a tal ponto que governos como o da Espanha exigiram que os usuários de energia solar pagassem altos impostos para manter a competitividade dos combustíveis fósseis e das redes centralizadas.

Embora a energia nuclear continue a ter muitas associações extremamente negativas entre o grupo ecopunk dos anos 80, muitas dessas preocupações são válidas apenas no contexto de reatores no estilo da Guerra Fria, construídos para serem altamente centralizados, administrados pelo Estado e operados apenas com material capaz de produzir

subprodutos de armas. Por outro lado, muitos projetos de reatores de tório fluorado líquido não têm literalmente nenhuma capacidade de fusão, operam com um material radioativo que já ocorre naturalmente em abundância venenosa na superfície da Terra e deixam resíduos com meias-vidas relativamente baixas.

Da mesma forma, embora os relatórios enganosos sobre a "fusão a frio" e as afirmações excessivamente entusiasmadas sobre a fusão normal na década de 1980 tenham feito com que a fusão fosse motivo de chacota na televisão até tarde da noite, ela continua sendo uma fonte razoável e conhecida de energia limpa incrível, limitada apenas pelos desafios de engenharia e não pela ciência básica. E a história recente tem sido repleta de uma série de sucessos incrementais alcançados e marcos de referência superados.

Embora tudo isso possa fornecer energia barata, a única maneira segura de reverter o aquecimento global neste momento é com tecnologias negativas de carbono que deixam o carbono sólido como subproduto. Já existem tecnologias comprovadas que fazem exatamente isso, desde as antigas tecnologias de gaseificação até uma série de outros métodos.

cultivo de algas marinhas.

O fato de nenhuma delas ter sido amplamente adotada é uma questão política, não científica. A violência do Estado subsidia nossas infraestruturas incrivelmente ineficientes porque sua manutenção beneficia entidades econômicas centralizadas de grande escala. Da mesma forma, grande parte do nosso consumo de energia agora é destinado à guerra e a frivolidades, a oferta e a demanda são distorcidas de forma agressiva e os custos ambientais foram sistematicamente transferidos para determinadas empresas e setores.

Não precisa ser assim. O desenvolvimento tecnológico expande as opções de forma inata, portanto, não é de se surpreender que a inovação tecnológica não esteja apoiando estruturas maciças, centralizadas e desajeitadas, mas sim incentivando abordagens orgânicas, descentralizadas e reconfiguráveis, como a impressão 3D e as tecnologias de código aberto.

VI. Outras tradições políticas transhumanistas e prometeicas

O transhumanismo é uma postura bastante simples, portanto, há uma grande variedade de pessoas que foram atraídas por ele e uma grande variedade de maneiras pelas quais ele foi derivado. Inevitavelmente, algumas delas são míopes ou reacionárias e, na mente de muitas pessoas, "transumanismo" evoca imagens de ideólogos de extrema direita no Vale do Silício.

Felizmente, muitos reacionários abandonaram o transhumanismo quando reconheceram suas implicações libertárias com relação a gênero, raça e classe e, em vez disso, abraçaram um movimento fascista chamado "neo-reação", um predecessor inicial e componente final da alt-right. Em uma inversão divertida, alguns agora esperam e defendem o colapso da civilização. Eles esperam que isso leve a um cenário pós-apocalíptico no qual suas noções de essencialismo biológico reinem supremas, no qual os "verdadeiros machos alfa" governem como senhores da guerra e o restante de nós seja usado para estuprar, escravizar ou caçar. Ou em que somos forçados a voltar às relações em escala tribal, que

facilita a identidade nacionalista (em pequena escala), a hierarquia social e o tradicionalismo. Outros imaginam pequenos feudos corporativos e algum tipo de deus da IA para ajudá-los a manter suas estruturas de autoridade desejadas, impedindo que grupos oprimidos adquiram, compreendam ou desenvolvam tecnologia.

Os anarco-transhumanistas estão satisfeitos com o fato de essas correntes terem se afastado do movimento transhumanista mais amplo. Ao mesmo tempo, é preciso admitir que a maioria dos transumanistas ainda se identifica com o liberalismo, o socialismo de Estado, a social-democracia e cultos tecnocráticos de poder semelhantes.

Os transhumanistas não anarquistas são politicamente ingênuos, na melhor das hipóteses, e perigosos, na pior; o transhumanismo sem anarquismo é totalmente insustentável.

Um mundo no qual todos têm maior poder de ação física é um mundo no qual os indivíduos têm superpoderes e, portanto, são obrigados a resolver divergências por meio de consenso, como se todos tivessem direito de veto, e não por meio da coerção da democracia majoritária.

Fornecer ferramentas às pessoas e, ao mesmo tempo, tentar restringir de alguma forma o que elas podem fazer com essas ferramentas ou o que podem inventar é impossível sem um sistema extremamente autoritário que suprima quase todas as funções dessas ferramentas. Considere a luta para impor e fazer valer a "propriedade intelectual" na Internet, ou a guerra contra a computação de uso geral. Nesse sentido, todos os transumanistas estatistas ficam aquém dos ideais transumanistas por causa de seu medo persistente da liberdade e dos proletários superpoderosos.

Em um nível filosófico, é impossível conciliar a adoção do transhumanismo de uma maior capacidade de ação sobre nossos corpos e nosso ambiente com a defesa simultânea de instituições sociais opressivas que limitam severamente nossa capacidade de ação.

Essa diferença de valores se manifesta de várias maneiras. Os anarco-transhumanistas são obviamente muito menos otimistas do que os transhumanistas estatistas quanto a permitir que os Estados e os capitalistas monopolizem o controle ou o desenvolvimento de novas tecnologias.

tecnologias. Eles apoiam esforços sérios de resistência, esforços que visam atacar a infraestrutura centralizada dos opressores e liberar suas pesquisas e ferramentas para o mundo.

Mais à esquerda, o legado do cosmismo continuou nos círculos socialistas e comunistas estatais. Há uma tradição distinta de Aceleracionismo de Esquerda e posições políticas mais difusas, mas amplamente populares, geralmente chamadas coletivamente de Comunismo de Luxo Totalmente Automatizado. Essas tradições são mais marxistas do que anarquistas e nem sempre se identificam como transhumanistas, mas mantêm um diálogo próximo com os anarco-transhumanistas. E tradições como o xenofeminismo estão, de muitas maneiras, situadas na interseção das correntes protecnológicas marxistas e anarquistas.

É verdade que há muita sobreposição entre as aspirações políticas e econômicas dos anarco-transhumanistas e as das tradições marxistas, igualmente empenhadas em expandir radicalmente a riqueza disponível para todos. Muitos comentaram em sobre a convergência do anarquismo e do marxismo quando

os "meios de produção" são reduzidos de mecanismos de grande escala necessariamente operados e supervisionados por grandes grupos para técnicas e dispositivos controláveis por indivíduos (como quando as fábricas são substituídas por impressoras 3D). No entanto, ainda existem diferenças significativas.

A divisão entre o marxismo e o anarquismo tem sido frequentemente mencionada como a divisão entre a filosofia política e a filosofia ética. Os anarquistas se concentram em abordar a dominação e a coerção em todos os níveis, não apenas no nível macro ou institucional. E os anarquistas querem mais do que uma sociedade sem classes: eles querem um mundo sem relações de poder, portanto, sua análise ética necessariamente se estende ao questionamento da dinâmica de poder interpessoal, incluindo relações de dominação e coerção mais complexas, sutis, informais ou até mesmo mútuas.

Embora os anarquistas compartilhem suas aspirações por um mundo no qual a eficiência das tecnologias leve a um mundo de abundância e liberte as pessoas do trabalho penoso, é impossível, como anarquistas, aceitar a prescrição dos Aceleracionistas de Esquerda de "top-downism", ou seja, sua aceitação de

de hierarquias organizacionais. Os aceleracionistas de esquerda, como Nick Srnicek e Alex Williams, criticaram a esquerda dominante por abraçar um imediatismo míope³, mas os anarquistas ainda encontram nos detalhes de sua "estratégia" muitas das mesmas velhas inclinações marxistas em direção ao estabelecimento de uma elite cujos membros liderarão a revolução/sociedade. Essa fidelidade os leva a com aspectos do nosso mundo e a identificá-los erroneamente, sugerindo que certas estruturas corporativas e estatais refletem hierarquias necessárias em vez de cânceres perdulários sustentados pela violência sistêmica e que suprimem ativamente o desenvolvimento científico e tecnológico.

De modo mais geral, o marxismo compartilha uma tendência preocupante com seu filho ideológico, o primitivismo, de falar em termos muito abstratos e macroscópicos, como "capitalismo" ou "civilização". Nas análises marxistas, essas entidades são imbuídas de um tipo de agência ou finalidade, e todos os seus elementos são vistos como dinâmicas constitutivas a serviço de um todo maior, em vez de serem conflitantes e sujeitos à reorganização. Assim, tanto os marxistas quanto os primitivistas muitas vezes ficam cegos para os aspectos da

O novo mundo que agora está crescendo dentro da casca do antigo, bem como as oportunidades de resistência significativa e mudança positiva que não são necessariamente rupturas totais cataclísmicas.

VII. Outras questões

Os veganos estão entre os maiores defensores do anarco-transhumanismo, sabendo muito bem que o que é "natural" pode não ser ético. Os biohackers trabalharam em projetos como fazer com que a levedura produza as enzimas lácteas essenciais do queijo normal.⁴ (Para fazer isso, basta colocar a levedura em uma cuba quente de açúcar e deixá-la cair!) Outros, por exemplo, trabalharam na produção personalizada de algas que produzem proteínas e carboidratos úteis a partir da luz do sol com muito mais eficiência do que a agricultura convencional, ao mesmo tempo em que aumentam a possibilidade de reduzir drasticamente ou até mesmo eliminar completamente o número de mortes causadas pela operação de tratores.

Alguns ambientalistas brincaram com a ideia de uma administração mais comprometida com a ética, propondo um futuro no qual, depois de repovoar a maior parte do planeta e restaurar sua ecologia, poderíamos fazer ajustes que reduzissem o sofrimento líquido das espécies não humanas. Os defensores da libertação animal há muito tempo criticam a escravidão da "propriedade" dos animais e a

injustiça de criar certos animais para nos servir. Mas como seria ajudar os animais em sua própria superação? Esse é um campo até agora especulativo chamado "superação", e a posição anarquista sobre isso é, como sempre, focar nas perspectivas do sujeito, tentar encontrar maneiras de se comunicar e preencher a lacuna cultural e fenomenológica com pessoas conscientes (por exemplo, cetáceos, elefantes, polvos, primatas).

As tendências libertárias dos animais no cerne do anarquismo moderno também são expressas em nossas respostas à possibilidade de inteligência artificial geral. Há uma corrente notável nos círculos transhumanistas não anarquistas que se concentra no desenvolvimento da IA, com o objetivo de resolver o problema de como controlar uma mente mais inteligente do que a nossa. Muitos transhumanistas estão convencidos de que a IA desencadeará uma explosão de inteligência de feedback que pode refazer o mundo.⁽⁵⁾ Para os anarquistas, essa abordagem é absurda, considerando os bilhões de mentes já existentes neste planeta que são criminosamente subutilizadas. Se quisermos uma explosão de inteligência, a maneira mais segura e rápida é

seria liberar e capacitar todos os Einsteins em potencial atualmente presos em cortiços, favelas, minas e campos em todo o nosso planeta.

Historicamente, o transumanismo tem se distinguido de outras abordagens entusiastas da alta tecnologia justamente por se concentrar na autoalteração. Se você quer que algo seja feito, deve fazê-lo você mesmo. Se você está preocupado com os valores que uma mente alienígena, tirada do nada, pode desenvolver, deve começar com humanos interessados em expandir suas próprias capacidades. E embora possamos razoavelmente prever melhorias rápidas em nossa velocidade cognitiva e memória individuais, é a maneira como nos comunicamos e colaboramos uns com os outros que tem servido como um verdadeiro gargalo para o progresso. Em vez de uma corrida para criar uma inteligência artificial inteligência artificial inteligência artificial, muitos anarco-transhumanistas argumentam que devemos nos concentrar nos benefícios das tecnologias que aprimoram ou aprofundam nossa conexão uns com os outros, de modo que, coletivamente, possamos correr à frente de qualquer IA.

É bastante assustador que a pergunta padrão sobre a IA tenha sido: "Como podemos controlá-la/escravizá-la de forma mais eficaz? Como anarquistas, nossa posição é óbvia: se quisermos desenvolver essas mentes, elas merecem compaixão e liberdade. Com muita frequência, os membros das comunidades focadas em IA que surgiram dos círculos transhumanistas abandonam a dimensão ética de suas pesquisas. Esse paradigma é profundamente antitranshumanista porque privilegia um tipo de humanidade estática com valores e desejos estáticos e, em seguida, escraviza mentes não humanas para atender a esses fins. A meta do transumanismo é aceitar a fluidez e a natureza transitória do "humano", e não se apegar à humanidade em sua forma atual.

Como seria de se esperar quando se trata de pessoas não neurotípicas e com deficiências diferentes já vivas, a posição transhumanista e anarco-transhumanista é deixar que um bilhão de arquiteturas físicas e cognitivas floresçam! É importante atacar e eliminar radicalmente os estigmas e as normas sociais restritivas para que uma grande diversidade de experiências possa ser vivida sem opressão. Ao mesmo tempo, também é importante fornecer às pessoas as ferramentas para exercerem

controle sobre seus corpos, mentes e condições de vida. Deve caber a cada pessoa determinar quais fatores podem constituir impedimentos opressivos em sua própria vida e quais fatores são elementos de suas identidades e experiências de vida únicas.

Em última análise, o transhumanismo é uma modificação da distinção entre "deficiência" e "aumento", bem como entre "desejo" e "necessidade". Nenhuma "linha de base" deve ser normalizada de forma opressiva. Em vez disso, os indivíduos devem ser livres para crescer na direção que considerarem mais adequada.

Notas

1. Entrevista com Voltairine de Cleyre. 1894. *The Sun* (4 de março). Centro para uma Sociedade Sem Estado. <https://c4ss.org/content/45277>.

2. Malatesta, E. n.d. *Towards Anarchism [Rumo ao Anarquismo]*. Anarchy Archives. http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/malatesta/towardsanarchy.html.

3. Srnicek, N., e Williams, A. 2015. *Inventing the Future: Postcapitalism and a World Without Work [Inventando o futuro: pós-capitalismo e um mundo sem trabalho]*. Nova York: Verso.

4. Real Vegan Cheese. s.f. *O que é vegan cheese?* <https://realvegancheese.org/>.

5. Bostrom, N. 2014. *Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies [Superinteligência: caminhos, perigos e estratégias]*. Oxford: Oxford University Press.